

## A literatura feminina como memória e resistência política: "As Novas Cartas" e o Estado Novo Português

Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento (PUCRS)

O regime ditatorial civil-militar que se desenvolveu em Portugal, conhecido como Estado Novo (1933-1974), aprofundou e estreitou as suas relações com a Igreja, integrando o discurso ideológico cristão em relação à mulher ao discurso institucional político. O imaginário cristão em relação à inferioridade feminina, à desconfiança em relação à mulher e a sua possível “redenção” enquanto mãe, à figura de Maria Mater, foi desenvolvido por meio de um discurso político institucional que relega a mulher ao âmbito privado da casa, aos cuidados da família, marido e filhos. Um discurso que silencia e tolhe as liberdades conquistadas no conturbado período anterior, que ficou conhecido como a I República (1910-1926). Pode-se examinar dentro destes regimes autoritários que o discurso e o silêncio sobre a sexualidade se organizam dentro do que é permitido ou não aos dois gêneros, masculino e feminino. Ou seja, “como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros.” (FOUCAULT, p. 31). Além disso, esses discursos são organizados dentro de uma estrutura política: servem a tal estrutura, delimitam o lugar, as funções e o comportamento esperado de cada um dos gêneros na organização social, de modo a permitir o funcionamento de determinada sociedade dentro das relações de poder. Desta forma, o presente trabalho pretende analisar de que maneira as escritoras e feministas portuguesas Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa constroem o discurso de resistência feminista ao discurso de poder do Estado Novo que reprime os sujeito feminino e sua sexualidade, na polêmica obra *Novas Cartas Portuguesas* (1972), que foi apreendida três dias após o lançamento e que gerou o processo mais conhecido (e talvez o maior) movido pelo Estado Novo, e que mobilizou desde imprensa a grupos feministas internacional e veio a se tornar a primeira grande causa feminista internacional, em 1973. Para isso, abordaremos a intertextualidade que as Três Marias estabeleceram com o texto clássico *Cartas Portuguesas*, atribuído a Mariana Alcoforado, já como uma forma de subversão literária e política no que diz respeito à voz feminina e também discutiremos o processo enfrentado pelas autoras de *Novas Cartas* pelos órgãos de repressão do Estado Novo Português, sob o viés da teoria do poder de Michel Foucault.